

Número 07 - Março de 2024

# BOLETIM AJAC

Uma Revista da Associação Jauense de Ambiente e Cultura



**NESTA EDIÇÃO:**

**1º MOSTRA JAUENSE DE FOTOGRAFIA**

**PHOTO NATURE BRASIL 2021**

**ENTREVISTA COM BERENICE KAUFFMANN ABUD**

# ÍNDICE

**03**  
EDITORIAL

**06**  
LIVRO  
MARAMBAIA

**09**  
LIVRO BENS  
CULTURAIS

**11**  
1ª MOSTRA  
JAUENSE DE  
FOTOGRAFIA

**20**  
ARQUITETURA  
ESCOLAR

**25**  
MUSEU  
DO CAFÉ

**30**  
REMEMORAÇÕES

**32**  
OLIVÉRIO  
PINTO

**35**  
AVES DO  
AMADEU BOTELHO

**39**  
PHOTO NATURE  
BRASIL 2021

**40**  
SANTO DE  
CASA FAZ  
MILAGRE

**43**  
ENTREVISTA  
FOToclUBISTA  
E GALERIA





# EDITORIAL

Dentre as diversas atuações de uma associação podemos apontar sua ação local e agregar as pessoas em torno de causas que se mostram desafiadoras diante de um cenário pouco afeito a seus propósitos. A Associação Jauense de Ambiente e Cultura (AJAC) como tantas outras entidades têm o compromisso de desenvolver suas frentes sem esquecer a raiz da sua construção. No ano de 2020 e início de 2021, seus associados desenvolveram três produtos culturais com amparo da Lei Aldir Blanc, sendo este um auxílio emergencial da cultura, a qual possibilitou a participação em edital público da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Jaú.

Foram elaborados dois livros com fins paradidáticos, sendo um versando sobre o bairro rural da Marambaia e outro sobre os Bens Culturais de Jaú. Ficamos particularmente orgulhosos com o conteúdo que possa atender uma lacuna com a motivação da formação escolar e paralelo um informativo para que a população em geral possa conhecer essa realidade através de suas páginas. Como contrapartida social, entregamos à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Jaú, 610 livros e sugerimos que boa parte possa ser disponibilizada para alunos e professores da Rede Municipal de Ensino de Jaú. Nesse mesmo movimento, entregamos 680 livros para as escolas estaduais de Jaú, Bariri e Itapuí e para a Associação dos Surdos de Jaú e Região (ASJA). Para o mesmo edital da Lei Aldir Blanc, elaboramos um concurso e exposição denominado 1ª Mostra Jauense de Fotografia. Recebemos a produção de fotógrafos e premiamos quinze fotos com as temáticas: Retratos da Cidade de Jaú; Patrimônio Histórico de Jaú; Belezas Naturais de Jaú; Retratos da Mulher Jauense e ainda, Cenas do Cotidiano de Jaú. Para este projeto entregamos três fotos para o acervo da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Jaú em atendimento ao edital. E iniciamos e concretizamos as exposições paralelas da Mostra, primeiro na Escola Estadual Frei Galvão e também, na Santa Casa de Jaú e na EMEF Professora Norma Botelho (CAIC).

Além de agir localmente, a AJAC desenvolveu ao longo desse primeiro semestre (2021), o concurso nacional 5º Photo Nature Brasil 2021 que teve a participação de 368 fotógrafos de todo país com 5.503 fotos e foram premiadas as 100 melhores. Tiveram ainda, o reconhecimento de três melhores fotoclubes como o Clube do Fotógrafo de Caxias do Sul (CFCX), Fotoclube ABCclick de São Caetano do Sul e Foto Clube de Londrina. E nesta edição foram diplomados os vinte melhores autores aceitos. Uma nota importante, que nesta edição foi introduzida a seção de Manifestações Culturais, atendendo uma das frentes da AJAC, que é a defesa e divulgação do patrimônio cultural. O 5º Photo Nature Brasil contará com um catálogo impresso e será enviado a todos os participantes, bem como um catálogo em arquivo pdf para facilitar o acesso e divulgação deste certame.

Para o segundo semestre deste ano de 2021 foram abertas as inscrições para 5º Concurso Internacional Photo Nature 2021 que encerra as inscrições no dia 15 de setembro e conta com a patronagem da Federação Internacional de Arte Fotográfica (FIAP) e com o reconhecimento da Sociedade América de Fotografia (PSA), da Associação Internacional de Fotógrafos de Arte (IAAP) e da Confederação Brasileira de Fotografia (CONFOTO).

Deixamos registrado neste boletim que o presidente da AJAC, Paulo Guerra, além de suas atribuições, ocupa atualmente desde abril de 2021, a função de Diretor de Fotografia da Confederação Brasileira de Fotografia (CONFOTO) e também se tornou o Oficial de Ligação da FIAP para o Brasil.

Adendo: evidenciamos que o mesmo teve essa passagem pela Diretoria da CONFOTO até outubro de 2022 e com sua atuação estruturou o Departamento de Fotografia em suas atribuições: Bienais, Salões e Concursos e Distinções (CONFOTO e FIAP). Além do trabalho de reformulação do estatuto da entidade, do lançamento da Revista da CONFOTO, reformulação do site, assim como o restabelecimento dos contatos e parcerias internacionais com a FIAP, PSA, IAAP, Federação Argentina de Fotografia, dentre outras. E declarar que foi precursor no uso de plataformas digitais para concursos digitais no circuito da CONFOTO com possibilidades de administração, execução e viabilidade econômica. Foi assim com a Bienal PB de Amparo em 2020, Bienal de Natureza em 2021, Bienal Cor de 2022. Além de proporcionar o surgimento de salões digitais internacionais com a chancela da FIAP e outros concursos nacionais como o Trevo Photo Art e a passagem do Salão Nacional de Londrina para o digital.

Por fim, envidamos esforços para que neste sétimo número do Boletim AJAC possa contemplar as diversas facetas da atuação de seus associados. Nesta edição iremos nos deparar com resenha e depoimentos sobre os livros “Marambaia” e “Bens Culturais de Jaú” e ainda, depoimentos e registros sobre a 1ª Mostra Jauense. Discorreremos sobre arquitetura escolar e Museu do Café de Botucatu; Olivério Pinto, “pai” da ornitologia brasileira; aves da Reserva Amadeu Botelho de Jaú-SP; lembranças da nossa associada Waldete Cestari; na coluna “Santo de Casa Faz Milagre” entrevistamos o médico e fotógrafo jauense Paulo Fernando Campana e tivemos a entrevista sobre fotoclubistas brasileiros, nesta edição, Berenice Abud Kauffmann.

Nota atual: por circunstâncias específicas e particulares, este Boletim nº 7 será publicado somente em março de 2024.



## **Expediente**

Editor: Paulo Guerra

Revisão: Maria S. Delfiol Nogueira e Juliano Meneghello

Diagramação e arte: Julia Rissato

Diretoria atual

Presidente: Paulo Guerra

Vice-Presidente: Juliano Meneghello

Tesoureiro: João André de Almeida Prado

Diretor de Ambiente: Giovani Fabrício

Diretor de Fotografia: Flavio Ubaid

Ex-associados: Jorge Saggioro, Thiago Corazza, Walmir Sangerotti, Alexandre Cardoso, Carol Bressan, Lourdes Salarini e Val Lopes.

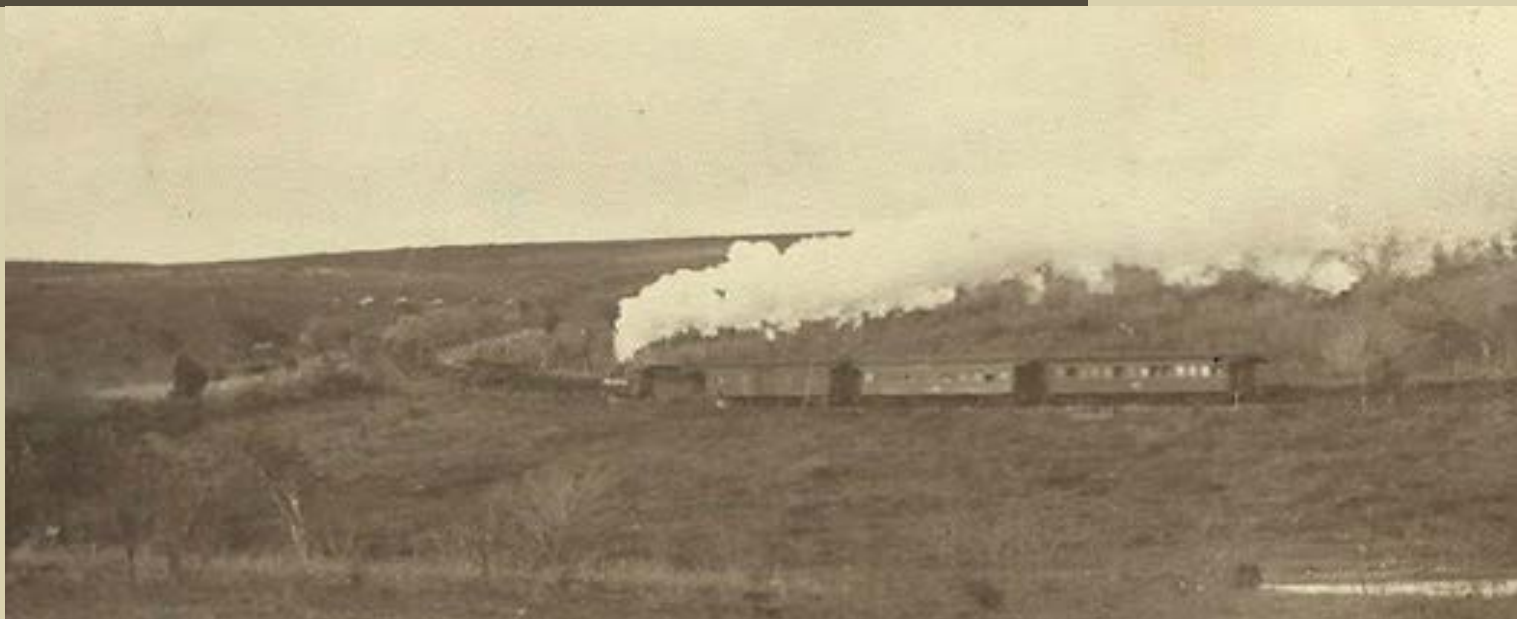
Associados atuais: Angela Ometto (Jaú-SP) , Claudio Frateschi (Ribeirão Preto-SP), Dalva Couto (Campinas-SP), Douglas Fernando (Franca-SP), Edilene Guerra (Jaú-SP), Guilherme Simões (Ribeirão Preto-SP), Lindolfo Souto (Guarujá-SP), Maria Delfiol (Botucatu-SP), Rodrigo Rosa (Brasília-DF), Rhuan Conte (Araraquara-SP), Sandro Salomon (Brusque-SC), Tete Monteiro (Lauro de Freitas-BA), Thelma Gatuzzo (São Paulo-SP), Waldete Cestari (Jaú-SP).

Foto da capa: antiga subestação da CPFL, construída em 1908, que recebia energia da Usina de Gavião Peixoto sendo demolida em outubro de 2012. Autor desconhecido





# LEMBRANÇAS DA MARAMBAIA



Trem da Douradense na Marambaia - Amauri Parreira

Prezado Paulo Eduardo Guerra,  
Ontem tive a feliz surpresa de receber o livro “Marambaia” que minha prima Valéria, gentilmente trouxe-o até a casa de minha mãe, onde me encontro essa semana. Confesso que num primeiro momento não acreditava no que estava vendo em minhas mãos. Como! A localidade onde passei minha infância, minha adolescência e parte da juventude agora virando tema de um livro e ficará presente para sempre nos anais da história? Mas algo ainda mais emocionante estava por vir. Ao folhear rapidamente as páginas me deparei logo no começo com a letra da música “Linda por Natureza”, letra esta composta pelo meu querido e saudoso pai Geraldino e com música do meu irmão João Alberto. Essa música virou hino dos Pataros. Em qualquer reunião familiar, qualquer festividade, qualquer comemoração ou simplesmente um mero encontro sem nenhuma pretensão, acaba em festa e é só um dar o tom lá vai todo mundo cantando.



Geraldinho Pataro - foto cedida por Marli Pataro

Nem preciso dizer que ao me deparar com essa página as lágrimas caíram copiosamente. A ansiedade por ler o conteúdo foi tomando conta e ao fazê-lo quantas memórias lindas, guardadas nas profundezas da alma foram emergindo, fazendo-me reviver um tempo importante e grandioso de minha vida. Quantas lembranças! Os armazéns, a venda do Tônico Canela, parada obrigatória sempre que se passava em frente. As balas, as maria-moles, os picolés... oh! Que sabor de amor que continham, pois na miséria em que nossos pais viviam, não deixavam de fazer qualquer esforço para suprir as necessidades da criança de olhos brilhantes e fantasias infantis. A estação! O trem chegando com seu apito estridente alvoroçava o meu imaginário ante a viagem a ser iniciada. A ponte metálica! Era a ponte onde o trem passava. Seu piso vazado num emaranhado de barras e colunas tinha um corredor central de madeira por onde caminhávamos para atravessá-la. Ficávamos sobre o rio. Podíamos ver a correnteza mansa do rio Jaú descendo leito abaixo. Nesse momento me sentia a heroína vencendo aquele obstáculo mágico sem cair na água(risos).

A igrejinha! Aí nossos pais nos lavavam para reverenciar a Deus. Foi um abrigo que nos ajudou a descobrir e construir a nossa dimensão espiritual, voltada para as coisas do alto. A missa em latim, o padre de costas

para a assembleia..., quantas lembranças! Aos nossos olhos era uma igreja enorme.

As procissões! Lembro de meu pai Geraldino, um músico nato impondo sua voz, puxava o coro que fazia trajetória da igreja (capela) até o largo dos armazéns e estação e voltando o trajeto todo com rezas e com lindos cânticos litúrgicos; verdadeiras orações poéticas envoltas em uma fé inquebrantável dos participantes.



Cotidiano Marambaia - foto cedida por Marli Pataro

Após a procissão, a tão esperada quermesse. Novamente me vem a figura de meu pai Geraldino. Líder por natureza encabeçava a presidência do evento e ao seu redor agregava os colaboradores afoitos, chamados de “festeiros e festeiras” e que não mediam esforços, dando cada um o seu melhor para angariar prendas, montar as barracas, enfeitá-las com flores de papel crepom, galhos de árvores ou folhas de coqueiros. Tudo tinha que ficar impecável e extraordinário. Eu cresci nesse meio e muito criança ainda me sentia muito importante quando meu pai sempre me colocava dentro da barraca para “ajudar” como festeira (risos) a vender rifa ou simplesmente entregar a prenda ao ganhador. Ele me dizia: -Quando você ficar adulta será “festeira” e seu nome estará no santinho junto com os demais. Como o sonho ganhava asas nesse momento!

Os bailinhos! Lembro-me de meu pai Geraldino, sempre muito festeiro e ativo convocava a moçada e programava o bailinho. Os olhinhos dos jovens brilhavam! Lá acontecia os encontros, as paqueras, os namorados... Lá iam todos rodando o palanque ao som da sanfona que, que através da habilidade do sanfoneiro ao abrir e fechar o fole, executava um movimento harmonioso e audacioso com aquele fantástico instrumento (nossa orquestra da época), levando os dançarinos a rodopiar por aquele chão batido de terra, noite adentro.

Como eu ficava feliz ver o meu pai convidar minha mãe para dançar. Como é gostoso rever na memória o galanteio dos homens convidando as moças para dançar! Era tudo muito formal e bonito. Era dança a noite toda.

Os padres, os Freis, os missionários, as filhas de Maria! Tudo tinha um mistério!

Partidas de futebol! Meu pai sempre me levava a participar de tudo, inclusive das partidas de futebol. Nossas arquibancadas eram galhos grossos de eucaliptos sustentados por troncos de árvores. Lembro-me de uma partida em que o galho quebrou e os torcedores foram ao chão, inclusive eu.

Paulo, você não deixou nada despercebido. Até mesmo as pescarias e a caça de capivaras.

Esse evento era sempre ao término da colheita. Era uma forma de descontrair depois de meses de trabalho árduo e também de comemorar a colheita do café. Todos arrumavam suas varinhas de bambu, o bote e desciam rio abaixo. Foi com isso que fiz minha degustação de capivara. Salvo conduto de meu avô João Pattaro! Na realidade Giovanni Pattaro e que foi abraileirado na imigração. Que lindo! Tenho comigo alguns documentos dele, inclusive a certidão de batismo da cidade de Loreggia, Itália, onde tive a felicidade de conhecer e ver e tocar na mesma pia batismal onde ele foi batizado. Muita emoção!



Construção da Ponte Marambaia - foto cedida por Marli Pataro

As pinguelas, quanto passar por elas! Era um desafio.

Mas o progresso chegou também, nesse paraíso terrestre e com ele a hidrelétrica. Num misto de alegria e tristeza (alegria pelo novo que se descortinava - pontes de concreto nunca vistas. Tristeza pelas inundações das propriedades, das casas...), lugares sagrados imutáveis até então no nosso imaginário, foram transformando essa realidade tão rica que somente quem a vivenciou pode testemunha-la.



*Fim da pescaria na Marambaia - foto cedida por Marli Pataro*

Quantas pessoas, lembranças, Paulo você fez aflorar. Lembranças que marcaram fortemente nossas vidas e que hoje, através desse livro, você conseguiu despertar em nossas memórias esse gigante que habita em nós que um dia tivemos o privilégio de morar nessa linda e inesquecível Marambaia. Muito obrigada Paulo Eduardo! Marambaia não desaparecerá nunca. Marambaia continua viva mais do que nunca na mente e no coração de cada um que viveu parte de sua vida nesse santuário sagrado. Gratidão!

*Marli Pataro – março de 2021*



# NA TRILHA DA CULTURA E DA MEMÓRIA

POR VERA LUCIA DE TOLEDO PEDROSO

Jaú, 05/07/21

Bens culturais: município de Jaú é um verdadeiro presente para pessoas que se interessam pela cultura, pela memória e pela questão do patrimônio histórico. A obra foi organizada pelo historiador Juliano Meneghelo e é resultado de um trabalho a várias mãos, trazendo elementos importantes a respeito destas questões.

As partes iniciais explicam no que consistem o patrimônio histórico e os bens culturais, e quais os instrumentos voltados para a sua proteção, expondo também como foi o processo pelo qual foram identificados e protegidos diversos bens do município.

Na parte central, por sua vez, o livro nos convida para um encantador passeio através de Jaú, trazendo um roteiro de locais relevantes em termos históricos e estéticos. Nesta verdadeira trilha da história e da beleza arquitetônica preservada na cidade visitamos o lendário bebedouro do Cano Torto, a romântica estação ferroviária de 1941, a moderna estação rodoviária projetada por Vilanova Artigas, a imponente Igreja Matriz (recentemente restaurada), entre vários outros lugares. As lindas fotos dos locais, mais do que simples registros, convidam à visita de cada um deles.



*Santa Casa - Foto de Juliano Meneghelo*

Porém, o patrimônio cultural não é constituído apenas por bens materiais, mas também pelos imateriais. A cidade de Jaú sempre teve também uma importante cultura musical, que constituiu uma parcela memorável das vidas de muitas pessoas. Por isso, ao final do percurso encontramos dois capítulos com o doce aroma das recordações nostálgicas, em que a trajetória e as histórias da Orquestra Continental e da Banda Marcial do Instituto de Educação são contadas pelas filhas de seus líderes. As duas corporações marcaram época nas décadas de 1950 e 1960, ajudando a definir este período e alcançando projeção nacional. A Orquestra Continental participou de shows e programas de TV e rádio de grande audiência (como o “Papel Carbono”, da Rádio Nacional). A Banda Marcial sagrou-se campeã em 1959 no campeonato da TV Record, e repetiu o feito tantas vezes nos anos subsequentes que acabou



sendo declarada hors concours.

No todo, trata-se de uma obra muito bonita e com um rico material fotográfico, que resgata o patrimônio cultural de Jaú, permitindo tanto que ele seja conhecido por pessoas de outras cidades e pelas gerações mais jovens, quanto lembrado pelas gerações mais velhas.

Vera Lucia de Toledo Pedroso



*Antigo Colégio São José - Foto de Juliano Meneghello*



*Cano Torto - Foto de Waldete Cestari*



*Antigo Colégio São Norberto - Foto de Juliano Meneghello*



# 1ª MOSTRA JAUENSE DE FOTOGRAFIA 2021

NESTE CONCURSO, O TEMA É A CIDADE DE JAÚ EM 6 SEÇÕES:

RETRATOS DA CIDADE  
PATRIMÔNIO CULTURAL  
BELEZAS NATURAIS  
RETRATOS DA MULHER JAUENSE  
CENAS DO COTIDIANO  
RETRATOS DA CIDADE - PARA JOVENS DE 12 A 17 ANOS

INSCRIÇÃO GRATUITA

18 PRÊMIOS



A 1ª Mostra Jauense de Fotografia 2021 foi um concurso fotográfico visando o público em geral para salientar as belezas e destaques da região de Jaú situada no estado de São Paulo. Organizada por João de Almeida Prado, com o incentivo da Lei Aldir Blanc, foi apresentada de forma virtual no dia 30 de janeiro de 2021 com as seguintes temáticas de cada seção:

## SEÇÃO A: RETRATOS DA CIDADE DE JAÚ



Edu Barbosa-Avenida Ana Claudina com por do sol maravilhoso





Ronaldo Donegal-Velha casa



Daniel Alteron-Novo Mundo



## SEÇÃO B: PATRIMONIO CULTURAL DE JAÚ



*Essio Pallone-Fazenda Santo Antônio dos Ypês*



*Ronaldo Donegal-Antiga usina*



*Angela Ometto-Coreto*



## SEÇÃO C: BELEZAS NATURAIS DE JAÚ

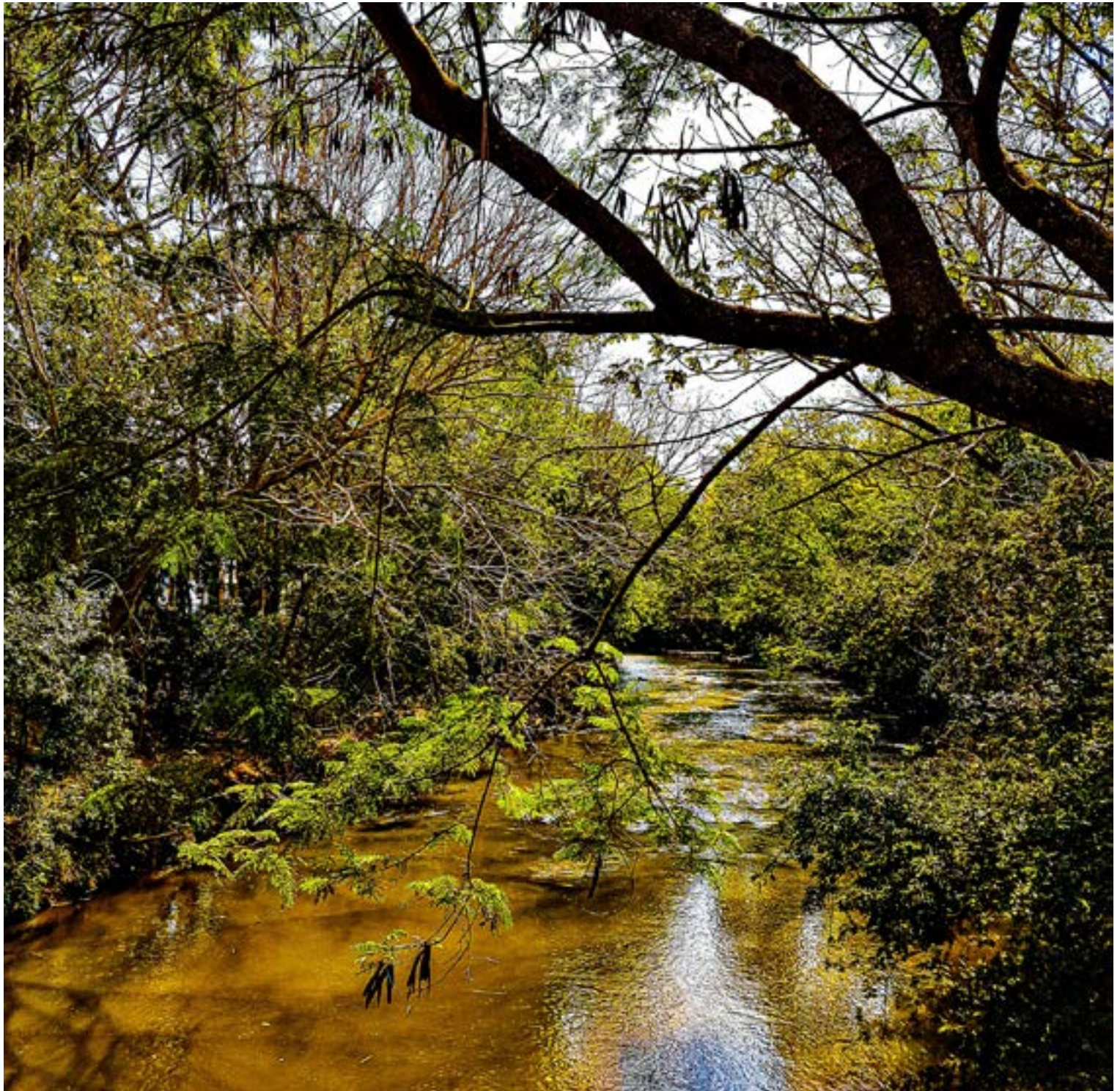


*Edu Barbosa-Eclipse solar*



*Luciane Kell-Silêncio das árvores*





*Tete Monteiro-Eu te batizei*



## SEÇÃO D: RETRATOS DA MULHER JAUENSE



*Erick Meurer-Sorriso de ouro - Thais Izar*



*Natalia Turini-Adriana Coelho*



*Natalia Turini-Alessandra Rocha*

## SEÇÃO E: CENAS DO COTIDIANO DE JAÚ



*Edu Barbosa-Os meninos soltando pipa*



*Ronaldo Donegal-A dança*





*Erick Meurer-Entrada da Matriz*

Neste concurso, foram recebidas fotos de diversas pessoas de Jaú e região com intuito de despertar a sensibilidade e o olhar fotográfico das pessoas, fossem elas profissionais da fotografia, amadores e apaixonados por fotografia em geral.

Os vencedores do concurso foram premiados com medalhas de Ouro, Prata e Bronze e suas fotos divulgadas em exposições itinerantes conforme disponibilidade das diretrizes sanitárias da COVID-19.

Alguns dos participantes premiados deixaram um relato de como foram suas experiências ao participar do concurso.

**Tete Monteiro**, medalhista no concurso:

“Participar de um primeiro evento, como a 1ª Mostra Jauense de Fotografia 2021, sempre tem um peso especial, por ser o primeiro. E quando vem propondo temas para as fotos inscritas é um desafio. No meu caso, o desafio foi ainda maior. Eu estando em isolamento voluntário nessa época pandêmica, não teria a possibilidade de ir a Jaú para fazer fotografias já pensando em cada tema. Então procurei em meu banco de imagens de anos passados, aquelas que melhor pudessem se enquadrar. E qual não foi a minha surpresa e felicidade ver nesta 1ª Mostra uma dessas minhas fotos receber a honra de uma Medalha de Prata! Mas não apenas de uma Medalha de Prata, mas da minha 1ª Medalha de Prata!”

**Ronaldo Donegal**, medalhista no concurso:

“Pra mim foi muito interessante poder participar, e Jaú é uma cidade rica em várias áreas para

fotografar e registrar, poder mostrar o meu olhar na fotografia da cidade de Jaú”

**Angela Ometto**, medalhista no concurso:

“Foi uma ótima experiência em participar do concurso na 1a. Mostra Jauense de Fotografia 2021. Gosto de fotografar e quando soube do concurso resolvi participar para mostrar as belezas que nossa cidade tem. Minha foto intitulada “coreto” foi premiada com a medalha de prata, fiquei muito feliz”

**Erick Meurer**, medalhista no concurso registrou seu relato de experiência em participar do concurso:

“Para mim foi o máximo, nunca tinha participado de nada e já de primeira vez, 2 medalhas de prata e uma por uma foto que fiz há 10 anos. Foi muito legal e me deu muita motivação para continuar fazendo fotos porque é o que eu gosto de fazer!”

**Edu Barbosa**, medalhista no concurso contou sua experiência como participante do concurso:

“Eu fiquei superfeliz em ter participado do concurso e ainda mais por ter levado as medalhas, Jaú tem muito para ser mostrado, nossa cidade é linda e eu procuro sempre estar por aí fotografando e esse concurso me abriu espaço pra divulgar um pouquinho do meu trabalho, acho que nossa cidade precisa de mais concursos e mais eventos culturais para incentivar os jovens e também a galera que gosta de cultura e arte. O concurso me incentivou a sair por aí procurando sempre uma foto nova, uma foto diferente e poder compartilhar isso com vocês é gratificante demais. Eu agradeço de coração a todos envolvidos e meus parabéns pela iniciativa.”

Conforme disponibilidade dos locais, a exposição seguirá alguns roteiros conformes divulgação nas redes sociais ou outros veículos de comunicação com a população em geral.

Queremos agradecer a todos os organizadores e jurados deste concurso em especial à João de Almeida Prado, Paulo Guerra, Edilene Guerra, Carol Bressan, Giovani Fabricio, Maria S. Delfiol Nogueira e Rhuan Conte por toda a disponibilidade e engajamento neste projeto, visando o bem cultural da cidade de Jaú e aguçando o olhar fotográfico das pessoas com um bem cultural sem igual.



# ARQUITETURA ESCOLAR

TEXTO E FOTOS POR MARIA S. DELFIOL NOGUEIRA



*Prédio restaurado da EMEF Paulo Thomaz da Silva - Fachada*

Em minhas andanças na região, onde moro, acabo, vez ou outra, conhecendo prédios históricos, alguns tombados, a maioria (ou o que sobrou) sem tombamento.

Conheci dois prédios, um em cada situação, na cidade de Itatinga, região de Botucatu, interior de São Paulo. Ambos pertíssimos um do outro.

O edifício sem tombamento é o prédio da antiga cadeia. Apesar de não ter sido tombado por nenhum órgão municipal ou estadual, o prédio está muito bem cuidado e mantém a maioria de suas características originais, conforme me foi relatado pelo Diretor de Educação, Prof. João Rafael, e pela Sra. Ana Teresa, funcionária da Diretoria Municipal de Educação. Ele mantém as grades de ferro, afinal havia celas para manter os presos. Portas reforçadas. Os vidros das janelas ainda possuem o símbolo da justiça, que se encontra jateado em todas elas. O interessante é que no corredor, no alto, há um quadro pintado de uma bonita mulher, que, segundo relatos, o marido da falecida retratada vem visitar a tela de sua amada com regularidade. Este edifício atualmente é a sede da Diretoria Municipal de Educação.

O outro prédio, mais imponente, recém restaurado é o prédio da EMEF PAULO THOMAZ DA SILVA. Este prédio foi tombado pelo CONDEPHAAT. A restauração do prédio terminou recentemente, portanto ainda está “cheirando à tinta”.

Ambos valem a visita, porque integram o patrimônio cultural da cidade e do estado de São Paulo.

## Mas por que o prédio de uma escola é importante?

Primeiro porque esse foi projetado em 1910, então lá se vão 111 anos! Acha pouco? Procure na sua cidade algum prédio com esta idade! Além da idade ele integra um conjunto de escolas, que foi construído durante a Velha República, quando havia um projeto de educação de qualidade para o país, que principiava pelo projeto diferenciado dos grandiosos prédios escolares das escolas normais (formavam as normalistas) e das escolas primárias (voltadas para os alunos da 1ª à 4ª séries primárias). Um dos exemplos mais conhecidos desta arquitetura fica na Praça da República, na capital, onde atualmente funciona a Secretaria de Estado da Educação, onde em tempos passados funcionou a escola normal Caetano de Campos.



*EMEF Paulo Thomaz da Silva – Itatinga (Antes da restauração)*

Este prédio da cidade de Itatinga foi projetado pelo Arquiteto belga José [Joseph] Van Humbeeck, que projetou dezenas de escolas no estado de São Paulo no período da Velha República (1889/1930), sendo 40 delas tombadas pelo CONDEPHAAT. Algumas possuem características parecidas, como é o caso da EMEF PAULO THOMAZ e o prédio do Museu de Santo André, antes Primeiro Grupo Escolar de São Bernardo, mais tarde EE Prof. José Augusto de Azevedo Antunes, cujo prédio foi inaugurado em 1914, e funcionou como escola até 1978.

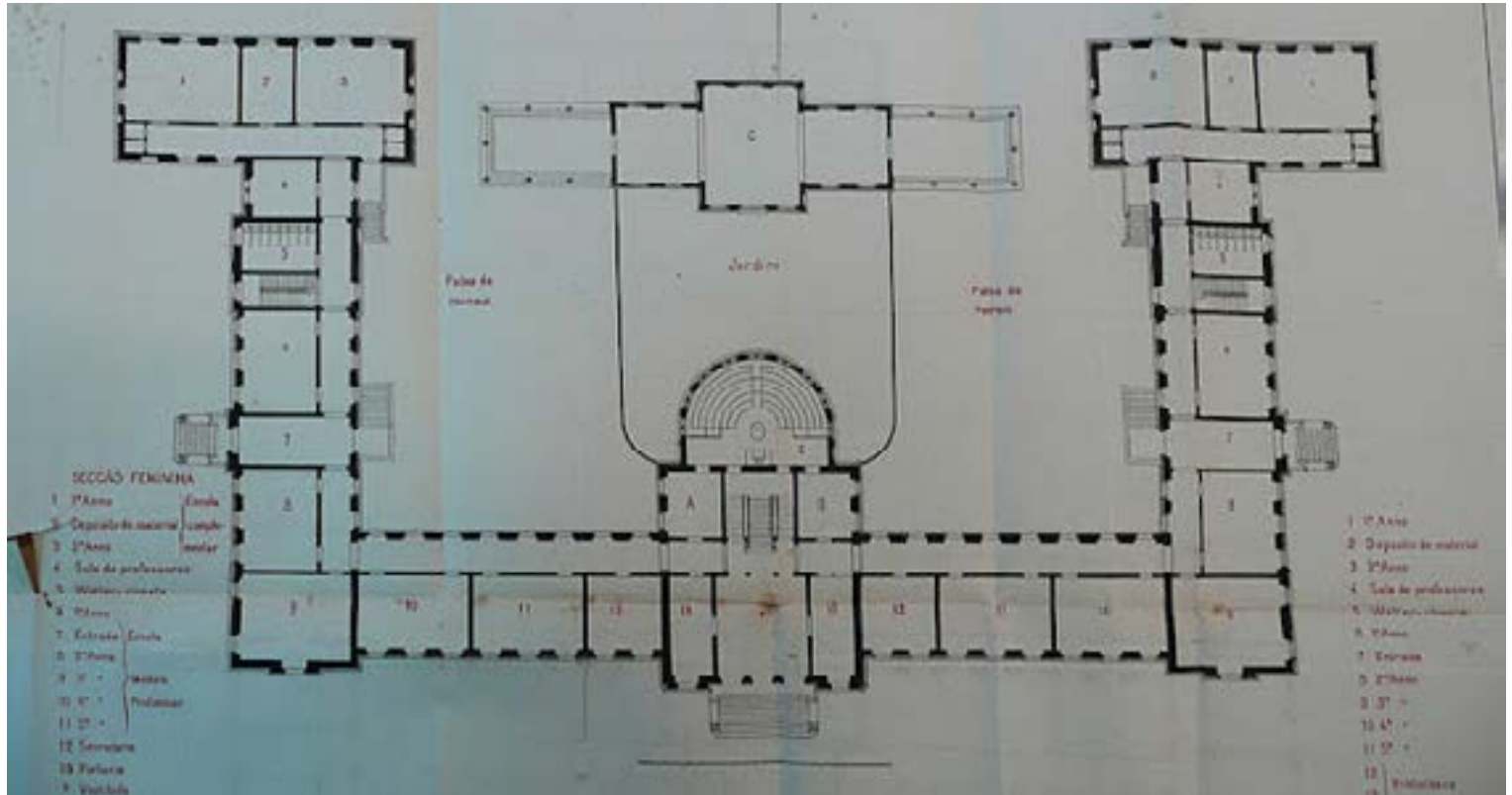
As construções da época possuíam entradas separadas para meninos e meninas, pois eles também estudavam em salas separadas e até o recreio era feito separando meninos e meninas. Também são prédios de pé direito alto, o que propiciava excelente iluminação e ventilação. Salas amplas. Todos, ou a maioria, possuía porões, o que evitava umidade nas paredes do prédio.

Eram construções ricas em detalhes arquitetônicos e pensadas para serem escolas. Não eram prédios improvisados, adaptados, como vemos em alguns lugares atualmente.



Segundo site do Museu de Santo André “O projeto de José Van Humbeck com a fachada de J.B Maroni, é da tipologia Mogy Guassu e comum em Grupos Escolares em outras cidades do estado como Ituverava, Pereiras, Itápolis, Orlandia, Itatinga e Mogi Guaçu.

A disposição das salas em forma de U, interligadas por um alpendre, cria um agradável pátio interno.” Pode-se verificar esta disposição na imagem da planta básica.



Planta básica dos prédios escolares

Quem já visitou o Museu de Santo André, como eu por diversas vezes, sente esse clima agradável. O prédio se localiza no movimentado centro da cidade, mas a despeito disso, quem se encontra no pátio interno mal ouve os carros na rua.

A EMEF Paulo Thomaz, anteriormente ESCOLA ESTADUAL PAULO THOMAZ DA SILVA foi cedida à Prefeitura Municipal de Itatinga em maio de 2011, quando foi publicada pelo governo do estado no diário oficial a doação e cessão de direitos possessórios.



Museu ocupa prédio do primeiro Grupo Escolar da região do ABCD, cuja fachada lembra a fachada do prédio da EMEF PAULO THOMAZ de Itatinga.

Essa escola possui pisos hidráulicos originais, assim como as janelas, pisos de madeira. Muito pouco foi substituído, somente o que sofreu ação do tempo e foi impossível recuperar.

A atualização da parte elétrica e hidráulica foi feita de tal forma, que não se veem, como em outros prédios históricos (sem tombamento), aquele amontoado de canaletas e canos de ferro, tomadas, curvas, que enfeiam e descaracterizam o prédio.



*Prédio restaurado da EMEF Paulo Thomaz da Silva - Vista lateral da escola*



*Prédio restaurado da EMEF Paulo Thomaz da Silva - Pátio interno*



*Prédio restaurado da EMEF Paulo Thomaz da Silva - Pátio interno visto de outro ponto*





*Prédio restaurado da EMEF Paulo Thomaz da Silva - Vista lateral*



*Vista parcial da EMEF Paulo Thomaz da Silva e ao fundo a Igreja São João Batista*

Agradecimentos ao Sr. Marc Storms, do Belgian Club, por permitir o uso de algumas imagens do site e informações do texto escrito por ele, bem como por retornar nosso contato com presteza e simpatia!

# MUSEU DO CAFÉ

TEXTO E FOTOS POR MARIA S.  
DELFIOL NOGUEIRA



Casa sede - Museu do Café

Botucatu tem um importante Museu referência para o município e outros municípios da região centro-oeste do estado de São Paulo e até mesmo fora dela. É o Museu do Café.

O Museu do Café se encontra na Fazenda Experimental Lageado, pertencente à Unesp de Botucatu, onde além do Museu se encontra a Faculdade de Ciências Agrônomicas e outras instituições vinculadas à Universidade.

Não é por acaso que o Museu se encontra em uma Fazenda, pois além do prédio que abriga o Museu, no entorno há várias outras construções, tombadas desde 2013, que compõem a área histórica da Fazenda.

Tanto a fazenda, quanto o Museu recebiam inúmeras famílias da cidade, de região, e de fora dela, fosse para curtir a beleza do local, fazer caminhada, fazer piquenique, tirar fotografias, fazer ensaios de casamento, grávidas, 15 anos, fotos para revistas. Vinham também visitar o Museu, conhecer o acervo em seu interior e conhecer, reconhecer, revisitar, fotografar as construções no entorno.

O Museu do Café cumpria um importante papel de divulgação da história do café e da própria fazenda e seus antigos moradores, bem como formava público para outros museus, uma vez que recebia crianças e jovens, que percorriam suas salas observando objetos, documentos, telas, perguntando, registrando por meio de fotos. Havia, em alguns horários, os monitores, que respondiam questões do público.

## **Por que estou falando sobre o Museu no passado?**

Porque em 2020 houveram, no início do ano, fortíssimas chuvas no município, que trouxeram e deixaram inúmeros danos, que aos poucos foram sanados pela Prefeitura. Em virtude disso, dos danos sofridos pela casa sede, que abriga o Museu, e as demais construções do entorno, houve a interdição do local.

Venho acompanhando essa situação com grande interesse, pois além de moradora do município, era frequentadora assídua da Fazenda e do Museu. Ia fotografar, caminhar, respirar o ar puro e fresquinho do lugar, bem como visitar o Museu, ver



e usufruir de novas exposições e rever as exposições permanentes. Toda vez que eu e meu marido recebíamos visitas da família, do estado e de outros estados, as levávamos para conhecer a Fazenda, o Museu e a famosa Capela da Anna Rosa, na Cohab 1 (Conjunto Habitacional Humberto Popolo), o centro histórico e a Catedral. Várias vezes levei sobrinhas crianças, adolescentes e jovens para conhecer o lugar, o acervo e contextualizava certos objetos existentes lá com a história de minha própria família, que também foi proprietária de sítios de café, lavradores apaixonados por essa cultura.

Algumas das visitas realizadas por mim, além de registros fotográficos, se tornaram postagens no meu blog Impressões Noturnas, nas quais falava sobre a beleza do local, das construções e os atrativos para visitantes e turistas.

### **Como está a questão da interdição do Museu atualmente?**

No facebook da instituição continua um alerta em letras garrafais, em vermelho, alertando sobre a interdição e sem previsão de reabertura. Se fizer uma busca no Google verá o endereço do lugar e também o aviso sobre a interdição.

Dito isso, o que tem feito o poder público e a própria Unesp para resolver tal situação, que tanto entristece a população e os amantes dos museus, em especial, do Museu do Café?

Em agosto de 2020, segundo Jornal Tribuna de Botucatu, a área histórica da Fazenda feita por representantes de empresa especializada e pesquisadores da parceria entre a Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA) da Unesp, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Associação Brasileira de Ensaios Não Destrutivos (Abendi), pesquisadores e representantes de empresas fizeram um amplo levantamento das condições da área histórica da Fazenda Experimental Lageado. Essa minuciosa avaliação buscou levantar dados sobre a situação das edificações históricas para elaborar o projeto de restauração contemplando métodos e técnicas de ensaios não destrutivos. Segundo a mesma matéria, no mesmo mês a Fazenda

Lageado recebeu a visita uma equipe da Faro Technologies, empresa que desenvolve e fabrica soluções de última geração para fazer capturas, medições e análises utilizando laser 3D de alta precisão em vários setores, como fabricação, construção, engenharia e segurança pública.

Em 2021 o Jornal Acontece Botucatu abordava o fechamento do Museu, bem como do aspecto de abandono das construções danificadas pelas chuvas do ano anterior.

“A Fazenda Lageado pertence à Unesp (Universidade Estadual Paulista) e desde a chuva que devastou a cidade em meados de fevereiro de 2020, o acesso ao local ficou restrito. A pandemia reforçou a ação da Universidade que deixou o local longe do alcance popular.

O Terreiro do Café, local que se confunde com a trajetória do Município desde o início do século XX, se apresenta com mato alto e erosões. O Museu do Café, que tanto encantou os botucatuenses e turistas foi fechado no ano de 2019 e o Casarão, símbolo máximo desse áureo período, também entrou no ciclo do descaso e abandono e conta com rachaduras e trincas estruturais, que comprometem todo o prédio.” (Jornal Acontece Botucatu)

Na mesma matéria há uma nota da Faculdade de Ciências Agrônomicas justificando que a falta de manutenção se devia à diminuição na quantidade de funcionários, devido às aposentadorias, bem como aos limites orçamentários da instituição, também esclarece sobre as normas para se fazer qualquer intervenção em locais tombados, como é o caso da área histórica da fazenda, tombada pelo CONDEPHAAT. Na mesma nota também levantam as questões referentes à crise econômica vivida pelo país, oriunda da pandemia de COVID-19.

Em 15 de setembro de 2021 houve uma reunião na Prefeitura de Botucatu para discutir a urgência da restauração do Museu do Café, que contou com a presença de autoridades municipais, um deputado federal e o Diretor da FCA. Segundo matéria do site da Prefeitura, o Deputado presente orientou a respeito de procedimentos para o encaminhamento de documentação e projeto para restauração.

No dia 07 de julho de 2023 ocorreu uma reunião na FCA, que contou com a presença do Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Diretores da Unesp de Botucatu e de outras unidades da Universidade. A matéria discorre sobre as atividades do evento, apesar da manchete dar grande visibilidade à causa da restauração do Museu do Café, aparentemente, esse não foi o principal motivo da reunião. Dessa reunião sobrou a intenção do Secretária de Estado de “ajudar” no assunto pela relevância do Museu e pela importância da cultura do café na construção da economia paulista no passado.

Ocorreu dia 25 de agosto de 2023 a 12ª audiência pública do Orçamento Estadual de 2024 na Câmara Municipal de Botucatu. Foram apresentadas diversas demandas pelos vereadores e membros da sociedade presentes. Entre essas demandas foi apresentada, pelo Diretor do Instituto de Biociências de da Unesp de Botucatu, a necessidade de investimentos para melhorias na mobilidade urbana para favorecer o deslocamento até o Campus, melhoria na acessibilidade, assim como na restauração do Museu do Café.

Estamos em março de 2024. Exatos quatro anos se passaram desde as chuvas, que castigaram duramente o município, deixaram sérios danos na estrutura do Museu e na área histórica do seu entorno. Por enquanto, pelas notícias citadas acima, não se tem nada de decisão conclusiva sobre a restauração. Reuniões, muitas fotos, muita gente se mobilizando! O que é muito positivo, sinal de que essa pauta ainda está em evidência nas reuniões das autoridades envolvidas.

Nas notícias ninguém fala como está e onde está atualmente o acervo, que fica (ficava?) no interior do Museu. São inúmeros itens: móveis, utensílios diversos utilizados na cultura do café e por ex-moradores da Fazenda, obras de arte. Estão recebendo os cuidados necessários para mantê-los em ordem e a salvo de possíveis intempéries?

Enquanto não temos respostas para estas questões, deixo aqui para os leitores, fotos do Museu e do entorno, que fiz durante minhas inúmeras visitas no decorrer dos meus 15 anos fotografando e registrando Botucatu e região.



Moinho - ponte e trator





Itens em exposição Museu do Café



Itens em exposição Museu do Café



Itens em exposição Museu do Café





Moinho e ponte de ligação terreirão café



Antigo arado



Capela



Detalhes fachada do Clube (1)



# REMEMORAÇÕES

POR MARIA WALDETE DE OLIVEIRA CESTARI

## O VESPEIRO

Os negros sempre estiveram presentes na minha vida e da minha família e este texto é uma homenagem a eles, que sempre tiveram o nosso respeito, porque a igualdade é um princípio cidadão, cristão e todos têm os mesmos direitos e deveres dentro da sociedade. Discriminar minorias, além de crime, é falta de humanidade.

Quando eu era pequena, costumava ir com minha mãe ao Vespeiro, que ficava no início da Rua Sete de Setembro, onde hoje há um posto de gasolina. Era um local habitado apenas por negros; nós morávamos ali perto e íamos visitar Dona Noêmia, nossa conhecida. Eu me lembro que ela tinha um grande pilão, no qual fazia uma simpatia para bebês que custavam a andar. Se estes teimavam em ficar engatinhando, quando outros da mesma idade já andavam, as mães os levavam até ela para fazer a tal simpatia. Ela colocava a criança dentro do pilão, fazia movimentos como se esta fosse um socador e dizia umas palavras que ninguém entendia. E não é que funcionava?

No local, as casas eram geminadas, como aquelas das colônias das fazendas, e ali moravam as figuras folclóricas 'Subica', 'Pé de Leque' e 'Nego Cinda', além do 'Gonça', um ótimo carpinteiro e marido de Ornélia, que trabalhava conosco. Quando o Vespeiro foi derrubado, muitos foram morar na Vila XV; Gonça e a família se mudaram para a Vila Sampaio e durante muitos anos ele desfilou nas escolas de samba da cidade. Num dos carnavais, ele apareceu em casa e deu uma missão para meu irmão, 'Mir': pediu que ele lhe fizesse uma coroa bem bonita, porque ele iria sair vestido de Rei, no domingo. Seu desejo foi cumprido e ele e mulher desfilaram naquela noite, com garbo e ginga de majestades carnavalescas.

Na Rua General Isidoro, bem perto de onde é hoje a esquina com Rua Conde do Pinhal, havia um conjunto de casas também habitadas por famílias de negros, entre elas a Carvalho. Eu me lembro de Sabará, que foi jogador do Galo da Comarca e sua irmã Maria das Graças, que até hoje desfila em escola de samba com alegria contagiante. Nos fundos das casas, havia uma grande montanha de areia, o areião. Eu, meus amigos e a meninada da redondeza nos divertíamos ali. Era nossa praia. Numa das casas morava Quim Carvalho, que gostava muito de música e tocava sanfona. Um dia, na década de 90, ele veio a minha casa para trabalhar como pintor. Na hora do cafezinho, eu me sentava ao lado dele, para ouvir histórias do tempo em que ia tocar nas fazendas de Jaú e da época em que a molecada brincava no areião do seu quintal.

Na Orquestra Continental havia vários músicos negros e convivi mais com três: Rubinho, que tocava bateria, Jesus de Oliveira, trombonista, conhecido como Deus, cujos filhos Paulo e Jesus foram meus colegas de docência e Bambuzinho, que tocava pandeiro, hoje é o 'Mestre Bambu' que ensaia várias fanfarras da cidade e nas apresentações comparece impecavelmente vestido com seu terno branco. Ele é um Borges, a família das Sofias e dos Bambus. Eu me lembro que eu era menina e ia com meu pai à casa do Bambuzão, perto da então chamada Ponte dos Suspiros, e lá encontrava com a matriarca Sofia, várias Sofiazinhas e Bambuzinhos, meus amigos até hoje. Entre eles, Rosângela Sofia, minha colega de Industrial e José Luiz, o Bambu, comandante da Banda Marcial do Aristocrata Clube.

Convivi também com os Américo: Edu- o grande jogador do Santos, amigo de infância e

os Lopes de Mestre Marcial; os Damas; os Ferreira, do militar Bernardo; os Camargo, do conhecidíssimo Dito Camargo; outros Souza, de Purunga, Neil e Elke; os Lucas, de Osvaldo, um dos melhores dançarinos que Jaú já teve e tantos outros que agora me fogem à memória.

## MULHER QUE É GUERREIRA EMPURRA ATÉ KOMBI EM SUBIDA

Em 1967, no período da manhã, eu lecionava na Fazenda Saltinho, na chamada linha da Independência. Éramos em 9 professoras e um professor, o Burgos, e íamos de Kombi dirigida por Getúlio Missassi.

Ele passava em pontos marcados, onde os professores o esperavam. Saíamos pela rua Rui Barbosa para a estrada de terra e o veículo ia deixando cada um em seu ponto.

(Um parênteses: eu já namorava o Daniel Caetano Cestari e ele, que morava na Rui Barbosa, ficava de espreita na janela esperando a gente passar. E de lá acenava para mim! Eu adorava esse gesto de carinho.)

Um dia, na volta para a cidade, deu uma chuva muito forte e a estrada ficou um barro só. A Kombi ia dançando, apesar da direção segura do motorista.

Ao chegar no famoso Morro dos Melo, havia uma subida enorme e... descemos descalços da Kombi, para empurra-la. Era barro que escorria por entre os dedos. Ficamos encharcados e embarreados até à cabeça.

Desencalhada, subimos na tal e ao chegarmos em Jaú, alguém deu a feliz ideia de pararmos no Bar Último Gole da Rui Barbosa para tomar um Martini. Foi o que fizemos!!! Tomamos não um, mas vários Martinis. Foi muito bom!!!

Chegamos em casa molhados, embarreados e com um agradável hálito de bebum. Foi um dia inesquecível!!!

Mas quando o chão secava, levantava uma poeira vermelha que entrava pelo veículo e quase não dava pra ver nada. Íamos todos com um lenço amarrado na cabeça para proteger um pouco os cabelos.

Os professores eram 10: eu, Burgos, Leonor Buoro, Sônia Peres, Guiomar Chiavari, Luzia Grossi, Cidinha - não me lembro do sobrenome e a Olga Billy Chadad. Mas faltam 2 ainda, que preciso identificar.

A epopeia durou até o final de ano. A Leonor que lecionava comigo, preparou os alunos para a primeira comunhão, que foi feita lá mesmo, numa missa na escola. Tudo organizado por ela.

Eu me lembro de que chegavam na escola sacos de leite em pó doado pelos Estados Unidos. A mãe de um aluno que morava defronte a escola o preparava e cada um com sua canequinha para receber sua parte. Era um leite bem encorpado e tinha um gosto muito bom.

Foi um tempo muito bom e aprendi muito com os alunos sobre a zona rural.

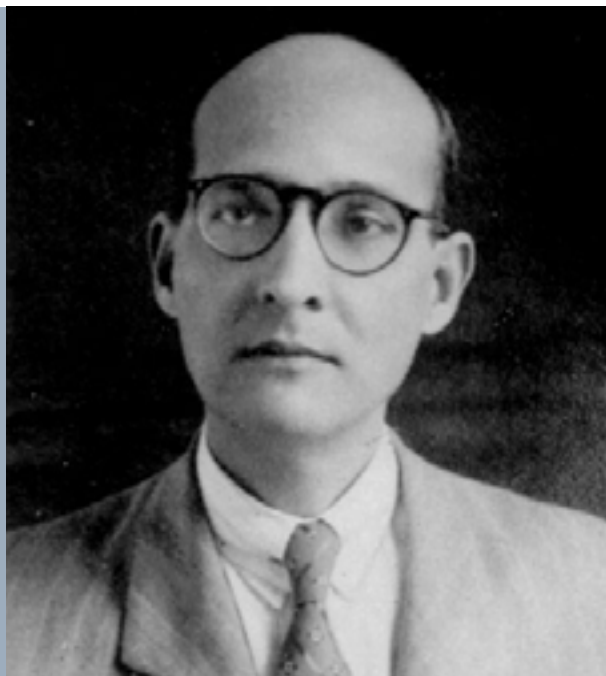
Essas recordações me vieram á mente ao ler a postagem do meu amigo e ex aluno Du Eduardo Campanhã, proprietário do Bar da Adelaide, falando sobre bares de Jaú.

Ah! Já ia me esquecendo. A filha do administrador era louca por pão da cidade e eu por pão caseiro, feito com banha. Então, num dia da semana, nós trocávamos: eu levava pães franceses pra ele e ela me dava pão caseiro, que eu amooooo.



# OLIVÉRIO PINTO

POR JOÃO ANDRÉ DE ALMEIDA PRADO



No dia 13 de junho de 2021 fez 40 anos do falecimento de Olivério Mário de Oliveira Pinto, considerado “o pai da ornitologia brasileira”. Além de um grande vulto da ornitologia brasileira e mundial, trata-se de um ilustre jauense, motivo pelo qual a Associação Jauense de Ambiente e Cultura tem a honra de prestar esta singela homenagem.

Olivério Mário nasceu em 11 de março de 1896 na cidade de Jaú e faleceu em Piracicaba em 13 de junho de 1981. Em 1905 período em que ainda era criança, mudou-se para Salvador com a sua família. Durante seus estudos fundamentais na escola já revelava um grande interesse pela zoologia, mas devido à falta de um ensino superior em ciências naturais na cidade, acabou estudando medicina na Faculdade de Medicina da Bahia - a primeira escola de medicina a ser fundada no Brasil. Formou-se em 1921, aos 25 anos de idade. No mesmo ano Olivério retornou para São Paulo e se estabeleceu em Araraquara, onde passou a trabalhar como médico, fundando e dirigindo o primeiro laboratório de análises clínicas da região. Ele também lecionou Ciências Naturais na Escola de Odontologia e Farmácia na cidade. Em 1924 casou-se com Alice Alves de Camargo, de tradicional família Paulista, sua companheira por 57 anos, tendo filhos.

De volta para a capital paulista, Olivério dedicou-se mais exclusivamente à pesquisa zoológica sendo nomeado assistente da área de zoologia, na subseção de vertebrados do Museu Paulista (pertencente desde 1963 a USP - Universidade de São Paulo). Em 1929 subiu para o cargo de chefe da Divisão de Aves da mesma instituição. Em 1931 começou um estudo sobre os sciurídeos (esquilos) brasileiros, mas também publicou outros trabalhos sobre mamíferos, mais especificamente, primatas. No mesmo ano, descreveu um caso de albinismo de uma perdiz - ave galiforme - *Rhynchotus*, iniciando a partir daí uma grande força tarefa para a ornitologia brasileira.

Ainda em São Paulo, ele também chegou a produzir desenhos técnicos para o zoólogo Afrânio do Amaral, que na época era Diretor do Instituto Butantan. Percebendo o talento e o conhecimento de Olivério, Amaral designou-o para o cargo de pesquisador em zoologia, no qual manteve sua familiaridade para a área de ornitologia. Em 1939 tornou-se diretor superintendente do Departamento de Zoologia da Secretaria Estadual de Agricultura de São Paulo originado a partir da separação do Museu Paulista. Foi o criador e o primeiro editor das publicações científicas “Arquivos de Zoologia” e “Papéis Avulsos”, que ainda hoje representam a produção daquela Instituição.

Aposentou-se 17 anos depois, em 1956, mas continuou suas pesquisas na área, contribuindo para o acervo do Museu Paulista. Dentre suas inúmeras obras, a mais marcante são os dois volumes do “Catálogo das Aves do Brasil” com 1.266 páginas lançado em 1938, que concerne à classificação e distribuição de aves no Brasil. Nela são discutidas em detalhes, e com maior clareza, as variações geográficas e aspectos zoogeográficos que separavam as espécies de subespécies da avifauna. Foi o primeiro autor a publicar um trabalho cujos dados tinham organização diferente à forma convencional da literatura na época, o que deu margem à sua atribuição mais conhecida de “pai da ornitologia brasileira”, indubitavelmente o marco do início de uma nova era da ornitologia brasileira.

Destacou-se pelo seu extenso trabalho em ornitologia e zoologia sendo que por volta de 1950 organizou uma expedição à Bahia na tentativa de encontrar a arara-azul-de-lear (um dos maiores enigmas da ornitologia sul-americana), considerada por alguns como extinta. Encontrou um indivíduo cativo próximo a Juazeiro e pesquisou toda a região em conformidade com seus estudos zoogeográficos determinando qual seria a área provável de ocorrência da espécie, embora não tenha conseguido vê-la na natureza.

Muito tempo depois, em 1978, outro renomado ornitólogo, Helmut Sick, seguindo as anotações e artigos de Olivério, foi até o local indicado e então encontrou as aves entre o Rio São Francisco e o Rio Vaza Barris, região que Olivério tinha relatado quase 30 anos antes! Posteriormente esse local foi transformado na Estação Ecológica do Raso da Catarina para uma maior proteção da espécie que é uma das mais raras e ameaçadas do mundo. Calcula-se que atualmente a população total seja de cerca de 1.200 indivíduos.

Em 1952 redescobriu o enigmático mutum-de-Alagoas (*Pauxi mitu*), representante de um gênero de galiformes amazônicos em pleno litoral nordestino, uma espécie que durante 40 anos foi considerada extinta na natureza. Atualmente o mutum-de-alagoas ou mutum-do-nordeste está sendo reintroduzido na natureza após extenso trabalho de procriação em cativeiro, havendo hoje cerca de 100 indivíduos.

Outro feito muito importante de Olivério Mário de Oliveira Pinto foi a sugestão ao então Governador de São Paulo, Laudo Natel, para que criasse o Dia da Ave. Prontamente o Governador assina o Decreto nº 46.797 criando o Dia Estadual da Ave, em 5 de outubro e ainda instituiu o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*) como Ave Símbolo de São Paulo. Essa iniciativa foi em conjunto com o também renomado ornitólogo Johan Dalgas Frish que conhecera Olivério por ocasião de suas muitas visitas para pesquisas no Departamento de Zoologia comandado por Olivério.

Essa conquista gerou frutos não só em São Paulo, mas em todo o país. Posteriormente, o governo federal copiou a medida e por decreto do Presidente Arthur da Costa e Silva, o mesmo 5 de outubro é adotado como Dia Nacional da Ave. Em 3 de outubro de 2002, o presidente Fernando Henrique Cardoso amplia a decisão e faz do sabiá-laranjeira (*turdus rufiventris*) a Ave Nacional do Brasil.

Antes de Olivério Pinto, as aves brasileiras já haviam sido estudadas principalmente por naturalistas brasileiros e estrangeiros radicados no Brasil como E. A. Goeldi, H. von Ihering, R. von Ihering, Emília Snethlage, Carlos Euler, José Pinto da Fonseca, Alípio Miranda Ribeiro e outros. Entretanto, o legado de Olivério Pinto sobrepujou a somatória de todos aqueles que o antecederam.

Sua obra científica é versada mais sobre a taxonomia e a distribuição das aves no Brasil, conhecimento imprescindível e básico para as demais pesquisas em comportamento e conservacionismo. Discute com minúcias e extrema clareza as variações geográficas e as barreiras zoogeográficas que separavam as espécies ou subespécies dos representantes da



nossa avifauna.

Publicou, no total, mais de uma centena de trabalhos científicos, sendo a maioria destes de grande porte e inestimável valor, vários dos quais com mais de uma centena de páginas, repletos de detalhes. Dotado de uma caligrafia perfeita, escrevia quase todos seus trabalhos à mão, raramente usando a velha máquina de escrever. Cientista competente e detalhista, conhecia a língua portuguesa como poucos e dominava o latim com extrema habilidade.

De 1929 a 1962 fez inúmeras viagens científicas aos estados do Acre, Roraima, Pará, Mato Grosso, Goiás e outros, presenteando nossa ciência com diversos volumes sobre a avifauna de cada região visitada. Em 1942 em uma expedição científica, esteve perdido por três longos dias nas matas do Vale do Rio Doce, no Espírito Santo, onde quase sucumbiu.

Esse heroico cientista, em 1962, aos 66 anos de idade, teve sua saúde bastante abalada por uma malária adquirida em sua expedição a Roraima. Pesquisador notável de campo e laboratório, sempre manteve um ritmo invejável na sua produção científica. Descreveu dezenas de espécies novas de aves brasileiras e outras tantas subespécies (total de 62 formas), feito este que certamente não poderá ser igualado por outro ornitólogo.

Em 1979 publicou seu último livro: "A Ornitologia através das idades (século XVI a século XIX)", obra que muito enriquece a literatura sobre história da ciência do Brasil. Neste ano contraiu uma virose que prejudicou sua visão a tal ponto de não mais permitir sua produção acadêmica. Aos 85 anos de idade, em viagem à cidade de Águas de São Pedro, no interior de São Paulo, junto com seus familiares, sentiu-se enfermo, sendo internado em um hospital de Piracicaba, onde faleceu no dia 13 de junho de 1981.

Deixou ainda um vasto arquivo de correspondências com inúmeras celebridades da ornitologia da época, que certamente poderá adicionar importantes fatos à história da ornitologia.

O médico e cientista paleontólogo brasileiro, Herculano Marcos Ferraz de Alvarenga, considerado um dos principais estudiosos de aves extintas do mundo, conheceu Olivério e relata:

*"Tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente pelos anos de 1966 a 1987, por ocasião das minhas primeiras visitas ao então Departamento de Biologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Era um homem magro, algo encurvado por uma conspícua cifose, extremamente polido e elegantemente vestido".*

O coordenador da publicação clássica Ornitologia Brasileira, Dr. Fernando Pacheco declara:

*"Pelo exemplo deixado de homem correto, de cientista brilhante e sobretudo por ter construído o alicerce da nossa ornitologia, Olivério Pinto merece realmente ser reconhecido como o pai da ornitologia brasileira".*



Foto de 1934, margem do Rio da Almas, região de Jaraguá, Goiás

# AVES DO AMADEU BOTELHO

POR FLÁVIO KULAIF UBAID



*Garibaldi (Chrysomus ruficapillus) - Foto de Dalva Couto*

A população jauense é privilegiada por ter uma floresta bem próxima da área urbana, a Reserva Ecológica Amadeu Botelho (REAB), ou simplesmente Mata do Amadeu, como é conhecida na cidade. Trata-se de uma floresta privada localizada dentro da Fazenda Santo Antônio dos Ipês e protegida por lei, em uma categoria de unidade de conservação denominada RPPN – sigla para Reserva Particular do Patrimônio Natural. A propósito, a única RPPN no município. A REAB é formada por um fragmento florestal de 143 hectares de Mata Atlântica preservada, vegetação que cobria originalmente todo município de Jaú e que agora corresponde a menos de 1% da sua área. Esta floresta abriga parte da flora e fauna originais e representa um dos últimos refúgios na região para inúmeras espécies de plantas, incluindo orquídeas e árvores com mais de 20 metros, e de animais, entre eles centenas de insetos, peixes, anfíbios, mamíferos e aves.

O primeiro levantamento de aves da REAB teve início em 2005 e até o momento já foram observadas mais de 250 espécies, a maioria delas típicas da Mata Atlântica, mas também algumas características de vegetação mais aberta, como o Cerrado. Contribui para esse elevado número de espécies a grande variedade de ambientes na fazenda, tais como pomares, plantações de culturas variadas, habitações humanas, áreas alagadas, córregos e o rio Jaú, cada um com peculiaridades que atraem grupos específicos de aves.

Muitas aves são consideradas especialistas de habitat, ou seja, só sobrevivem em ambientes com condições específicas de acordo com suas exigências ecológicas. Nesse sentido, um grupo de destaque são as aves florestais, que possuem requisitos bem definidos de luminosidade, umidade, temperatura e vários outros fatores que caracterizam uma floresta. Na REAB, são muitas as aves que dependem da floresta íntegra para sobrevivência. O murucututu-de-barriga-amarela (*Pulsatrix koeniswaldiana*) é uma delas, considerado um dos grandes predadores noturnos florestais e endêmico da Mata Atlântica. Dentro desse grupo podemos citar ainda o pica-pau-rei (*Campephilus robustus*), também endêmico da Mata Atlântica, a choquinha-lisa (*Dysithamnus mentalis*), a borralha (*Mackenziaena severa*), o arapaçu-grande (*Dendrocolaptes*



platyrostris) e a pipira-da-taoca (*Eucometis penicillata*).



*Murucututu-de-barriga-amarela (Pulsatrix koeniswaldiana) - Foto de Paulo Guerra*

Assim como as florestas, os ambientes úmidos também apresentam um agrupamento de espécies associado. Nas florestas localizadas próximas de cursos-d'água é comum a presença do arredio-do-rio (*Cranioleuca vulpina*) e do garrinchão-de-barriga-vermelha (*Cantorchilus leucotis*). Em áreas mais abertas como lagoas e rios, pode-se observar a andorinha-do-rio (*Tachycineta albiventer*) e o martim-pescador-verde (*Chloroceryle amazona*).



*Andorinha-do-rio (Tachycineta albiventer) - Foto de Rhuane Conte*

As baixadas com solos encharcados e a presença de gramíneas são particularmente importantes para as saracuras, das quais podem ser encontradas com facilidade da REAB a saracura-três potes (*Aramides cajaneus*), a saracura-sanã (*Pardirallus nigricans*) e a sanã-carijó (*Mustelirallus albicollis*). Nos brejos com taboa (*Typha dominguensis*), é recorrente a presença do garibaldi (*Chrysomus ruficapillus*).



Garibaldi (*Chrysomus ruficapillus*) - Foto de Thelma Gatuzzo

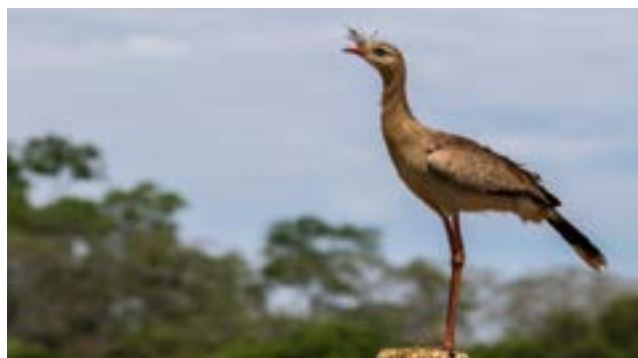


Maçarico-de-perna-amarela (*Tringa flavipes*) - Foto de Rhuan Conte

Certas aves só podem ser observadas na REAB em determinados períodos do ano, pois apresentam comportamento migratório. Esse é o caso do maçarico-solitário (*Tringa solitaria*), que reproduz na América do Norte e migra para o Hemisfério Sul no inverno. Outra ave migratória de longas distâncias é o maçarico-de-perna-amarela (*Tringa flavipes*), que reproduz no Alaska e Canadá e pode ser observado em brejos e beira de poças de setembro a março na REAB. Nos jardins e pomares da fazenda podem ser observadas outras aves migratórias, cada qual no seu período de passagem pela região. A guaracava-grande (*Elaenia spectabilis*) e a peitica-de-chapéu-preto (*Griseotyrannus aurantioatrocristatus*) são vistas com facilidade de setembro a janeiro, enquanto o sabiá-ferreiro (*Turdus subalaris*) possui uma janela menor de observação, geralmente em setembro e outubro, ocasião em que emite seu canto de timbre metálico.

A paisagem bem arborizada no entorno das casas da fazenda é lar da enigmática mãe-da-lua (*Nyctibius griseus*), espécie cercada de lendas e que colabora muito com o controle de insetos, base de sua alimentação. Os forros das casas são utilizados para construção do ninho da suindara (*Tyto furcata*), outra importante aliada dos humanos no controle de pragas, já que sua alimentação se baseia no consumo de roedores.

O processo de colonização de aves típicas de áreas abertas é contínuo e fruto da descaracterização das florestas do município e de todo interior paulista, onde foram criadas condições favoráveis para estas espécies se estabelecerem. Este é o caso, por exemplo, da seriema (*Cariama cristata*), uma ave essencialmente campestre que se beneficia da conversão de florestas em áreas abertas. Se enquadram nesse caso também a codorna-amarela (*Nothura maculosa*), a curicaca (*Theristicus caudatus*) e a gralha-do-campo (*Cyanocorax cristatellus*). Igualmente se beneficiam do desmatamento o tucanuçu (*Ramphastos toco*), ave de fácil observação na REAB, e o caminheiro-zumbidor (*Anthus lutescens*), mais ouvido do que visto devido ao seu comportamento de se esconder na vegetação rasteira de pastagens.



Seriema (*Cariama cristata*) - Foto tirada de Thelma Gatuzzo



Tucanuçu (*Ramphastos toco*) - Foto de Dalva Couto





Carcará (*Caracara plancus*) - Foto de Dalva Couto



- Garrinchão-de-barriga-vermelha (*Cantorchilus leucotis*) - Foto de Thelma Gatuzzo



Suindara (*Tyto alba*) - Foto de Thelma Gatuzzo



Pipira-da-taoca (*Eucometis penicilata*) - Foto de Thelma Gatuzzo

Essa é uma pequena amostra da grande diversidade de aves que pode ser observada na REAB, uma atividade que proporciona inúmeros benefícios para quem a pratica e pode impulsionar toda uma economia local, assim como muitos exemplos de sucesso no Brasil e no exterior.

**Observe aves!**



## PHOTO NATURE BRASIL 2021

O 5º Photo Nature Brasil 2021 é um concurso nacional de fotografia promovido pela Associação Jauense de Ambiente e Cultura (AJAC) com reconhecimento da Confederação Brasileira de Fotografia e apoio técnico da International Association of Art Photographers (IAAP).

Este ano, em sua quinta edição, incorporou além das duas seções com temática livre (aberta) cor e monocromática, uma seção sobre manifestações culturais. E ainda, duas seções de natureza, uma geral, e outra, de aves ou insetos. O concurso foi desenvolvido entre os meses de janeiro e abril.

Neste período foram recebidas 5.503 fotografias, as quais foram enviadas por 368 autores. As fotos recebidas passaram por um processo de julgamento, sendo premiadas: as vinte melhores fotos de cada seção e os três melhores foto clubes. Além disso, aos quinze melhores autores também foram enviados, em adição à premiação, livros sobre fotografia e arte. Para completar o quadro de reconhecimento, apontamos os vinte melhores autores apenas com fotos aceitas, que apresentaram um portfólio com excelente pontuação e qualidade técnica.

A exposição com as 100 fotos premiadas foi realizada dia 15/05/2021 através da plataforma Zoom e Facebook com 160 participantes com apoio do Clovis Arthur Marchesin (Diretor Administrativo – CONFOTO).

Deixamos registrado mais uma vez nossos agradecimentos aos participantes, aos parceiros que doaram livros para serem ofertados em adição à premiação, aos jurados que não mediram esforços para uma avaliação cuidadosa e às instituições e profissionais que apoiaram o concurso, como a Pousada da Fazenda (Monte Alegre do Sul-SP), WikiAves, Reserva Ecológica Amadeu Botelho (Jaú-SP), Ateliê Garabato, Guilherme Simões Impressões Fine Art.



# SANTO DE CASA FAZ MILAGRE

POR PAULO FERNANDO CAMPANA

**Nome:** Paulo Fernando Campana

**Como sou conhecido:** Dr Paulo (área médica) ou como cidadão Paulo Campana, ou somente Paulo. Na faculdade era Paulão.

**Idade:** 70 anos

**Profissão:** Médico

Sou jauense, nasci em 1950. Minha formação básica foi aqui em Jaú, Grupo Major Prado, Grupo Pádua Salles e Instituto de Educação Caetano Lourenço de Camargo (na época ginásio). Formação profissional foi em São Paulo onde fiz o curso de medicina na Santa Casa de São Paulo de 1971 a 1976, e residência médica na mesma Santa Casa em 1977 e 1978.

Em 1979 comecei atuar como médico aqui em Jaú, na Santa Casa, onde fiz grandes e saudosos amigos. Sempre atuei como cardiologista e também me dediquei a Medicina Intensiva com título de especialista desde 1986. Atualmente trabalho somente no Hospital Amaral Carvalho em Terapia Intensiva (UTI). Casado com 2 filhos (advogado e médica). Ainda dentro da área medica, fui presidente da Associação Paulista de Medicina, regional Jaú, delegado do Conselho Regional de Medicina aqui em Jaú, e também presidente da Comissão de Ética Médica na Santa Casa por 10 anos consecutivos.

**Principais área de interesse:** Minha profissão absorveu muito, e durante muito tempo tinha pouca disponibilidade para um hobby constante. Minha área de atuação como médico tinha muito atendimento fora de rotina, portanto procurava sempre estar disponível. Apesar disso tinha bastante interesse em Xadrez, leitura e viagem.

**Como e quando surgiu interesse por fotografia:** Um dos hobbies, foi viagem, mas tínhamos muita dificuldade com fotografia, pois usávamos as câmeras analógicas e não tinha conhecimento técnico de revelação. Fizemos uma viagem para o Taiti, e para essa viagem comprei uma câmera digital (Sony H50). “Aquilo foi uma mudança da água para o vinho”. Podíamos ver na mesma hora a foto e se não gostasse, repetia. Essa facilidade ajudou muito e a partir daí fui gostando cada vez mais desse hobby. Em umas de minha viagem. Fotografei um pássaro em uma cidade da Itália (Sirmione). Era preto com bico laranja. Achei tão legal aquela foto, e a partir daí me interessei quase que somente por fotos de aves. Conversando um dia com meu colega Dr. João Lineu, ele sugeriu que entrasse em contato com o Paulo Guerra, e acabamos fazendo uma “parceria”.

**Quais são as principais fotografias e discorra sobre cada uma delas:** Essa é uma tarefa muito difícil, gosto de tantas que tenho dificuldade em escolher, mas vou tentar.

Rua Conceição em Lisboa. Vimos uma foto dessa rua em uma publicação, e estava em Lisboa com minha mulher, e resolvemos fotografar essa rua. Queríamos uma foto “limpa”, sem trânsito

e sem ninguém atrapalhando. Levantamos super cedo e fomos fazer essa foto.

Suiriri saindo da água. Fiz essa foto despreziosa, na minha casa. Gosto muito dela pela sensação de movimento.

Colhereiro na Marambaia: Uma manhã estava sem nada pra fazer, dei uma passada na Marambaia pra distrair. Fui sozinho, e num sítio de um conhecido onde tem uma área de várzea, surgiu um casal de colhereiro no máximo da plumagem de época de reprodução. Como estavam entretidos e talvez apaixonados nem notaram minha presença.



*Colhereiro*

Casal de freirinha: Fiz essa foto na Marambaia na companhia do Paulo Guerra. Essa é a foto que mais gosto, onde enxergo a beleza da natureza e suas particularidades.



*Freirinha Macho e Fêmea*



Mocho dos banhados no jardim Juliana (Jaú). Uma espécie relativamente rara, mas que nos proporcionou momentos de muito agradáveis. Não poderia deixar essa de fora das que mais gosto.

**Que conselho ou dica você a um jovem fotógrafo ou iniciante?** Me considero um curioso e entusiasta da fotografia, mas posso dizer que quem seguir esse hobby ele vai proporcionar momentos de satisfação. O início em tudo na vida podemos encontrar dificuldades e desafios, e a fotografia tem muito disso. O desafio de fazer uma boa foto é muito gratificante. É muito grande e vasto o horizonte para o fotógrafo. Escolha aquele que mais goste e procure se aprimorar. Verá que com o passar do tempo suas fotos irão melhorar.

**Considerações finais** São inúmeros exemplos de pessoas que adotaram esse hobby e com isso superaram problemas de esfera psíquica e até física. Adoro fotografar natureza principalmente a fauna, mas, as aves são especiais. Quando estou fotografando, esqueço de tudo, além de novas amizades que surgem.

**Relação de prêmios nacionais e internacionais:** Não sou muito ligado em premiações, embora ter seu trabalho reconhecido é muito gratificante. Consegui alguns prêmios em salões internacionais, e a no Brasil tive uma foto menção honrosa no Photo Nature.



# BERENICE KAUFFMANN ABUD

**Nome completo:** Berenice Kauffmann Abud

**Profissão:** Professora de Fotografia

**Fotoclube:** Clube Foto Amigos de Santos

### 1) Quando e como surgiu seu interesse por fotografia?

Sempre convivi com a fotografia, pois fui muito estimulada pelo pai, o fotógrafo Boris Kauffmann, com quem aprendi as primeiras técnicas desta bela arte... Fotografia. Muitos anos depois, em 1987, comprei a minha primeira câmera profissional, uma Canon T70. Como meu pai já havia falecido resolvi então fazer cursos de fotografia para aprimorar o olhar e a técnica fotográfica. Desde então, nunca mais parei com a fotografia.

### 2) Conte-nos sua trajetória dentro do fotoclubismo ou mais propriamente dentro do Clube Foto Amigos de Santos.

O Clube Foto Amigos de Santos está no meu coração, pois meu pai foi um dos fundadores do Clube. Através do CFAS uma das ruas da cidade de Santos tem o nome de meu pai Boris Kauffmann.

Quando tomei entusiasmo pela fotografia resolvi fazer parte do Clube Foto Amigos de Santos. Estar com outros fotógrafos, trocando ideias e aprendizado desta arte que tanto amo... Fotografia.

Com o Clube Foto Amigos de Santos participei de vários concursos e salões de fotografia. Inclusive, dos concursos internos do Clube.

### 3) Como foi a sua trajetória na fotografia até a obtenção da distinção fotográfica AFIAP?

Cada vez mais me aprofundado na fotografia, com minhas aulas e ganhando prêmios em concursos nacionais e internacionais de fotografia, resolvi participar dos salões da FIAP. Foram três anos de participação, quando obtive o título AFIAP. Título este que





me deixou muito feliz e honrada!

#### **4) Como você analisa as diversas fases do fotoclubismo no Brasil?**

O fotoclubismo reúne profissionais de diferentes áreas interessados na prática da fotografia. Os primeiros fotoclubes surgiram no início do século passado, mas foi a partir dos anos 30 que passaram a ter papel de destaque na formação e no aperfeiçoamento técnico dos fotógrafos brasileiros. O movimento viveu seu apogeu nas décadas de 40 e 60. Atualmente, com a era digital e com as redes sociais onde se divulgam milhares de fotos boas e ruins, as exposições e bienais deixaram de atrair pessoas.

#### **5) Em sua avaliação, quais as principais potencialidades e dificuldades de um fotoclube no Brasil?**

Os fotoclubes têm a finalidade de reunir amigos amantes da fotografia e que compartilham seus conhecimentos, experiências, promovem passeios fotográficos e exposições.

Hoje, em razão dos equipamentos avançados, aplicativos de edição e, principalmente dos celulares, houve um esvaziamento de associados.

A falta de incentivos dos Órgãos Culturais e das mídias também dificultam a vida dos Foto Clubes

#### **6) Que conselho você daria para um jovem fotógrafo ou iniciante?**

→ Amar o que faz... Fotografia.

→ Conhecer o equipamento fotográfico. Seja uma câmera compacta ou profissional SLR.

→ Ter o domínio da técnica fotográfica. Ela se aprende em cursos de fotografia, livros e revistas.

→ Desenvolver o olhar fotográfico... A visão fotográfica vem da alma do fotógrafo.

→ Praticar fotografia.

→ Ir atrás do seu sonho e nunca desistir dele.



### 7) Quais são as suas principais fotos premiadas ou não?

Eu gosto de participar de concursos e salões fotográficos. É sempre muito bom ganhar um prêmio. É o reconhecimento do seu trabalho, da sua arte. Fiquei muito feliz quando recebi o título AFIAP (Federação Internacional da Arte Fotográfica), em 2004, por ter meus trabalhos fotográficos reconhecidos na Europa, como também, em 2011, recebi o Prêmio Bertha Lutz, das Soroptimistas. Este prêmio tem como objetivo destacar mulheres nas várias áreas de atividades. Em 2005, uma de minhas fotos foi premiada na FUNCEB (Fundação Cultural do Exército Brasileiro), obtendo o 1º lugar.



*O passado zelando o presente - Primeiro lugar no concurso da FUNCEB*



*Doia a Dois*